



EDIÇÃO ESPECIAL DEDICADA AOS NOSSOS JOVENS



O Grupo de danças folclóricas húngaras Pántlika comemorou 45 anos



Excursão de Monitores pela Hungria



Jubileu de 100 anos da excursão de balsa

CONFIRA NESTA EDIÇÃO:

O GRUPO PÁNTLIKA COMEMOROU 45 ANOS	02
ENTREVISTA COM ZSOLT SZEGHALMI	08
DOS ACONTECIMENTOS	11
EXCURSÃO DOS MONITORES NA HUNGRIA	19
JUBILEU DE 100 ANOS DA EXCURSÃO DE BALSA	28



O GRUPO PÁNTLIKA COMEMOROU 45 ANOS



O convite já deixava transparecer que um acontecimento incrível iria acontecer, mas o espetáculo superou todas nossas expectativas. Não acreditávamos no que víamos e o que ouvíamos porque tudo parecia ter sido elaborado por profissionais; a coreografia, a organização, a orquestra, a cantora de canções folclóricas e os dançarinos, todos nos proporcionaram uma noite inesquecível.

Como conseguiram atingir este nível de perfeição? Pessoas que durante os dias da semana são empregados, universitários e estudantes. O segredo é o amor à dança, à música folclórica, a dedicação, o respeito mútuo, a troca de ideias e o desenvolvimento das mesmas, assim como treinos intensos até que a perfeição seja alcançada.

Ilona Kokron, a fundadora do grupo, preparou um discurso com a história do *Pántlika*, mas foi sufocada pelas lágrimas da emoção e assim *Kati Zágón* deu continuidade ao relatório. Os espectadores em sinal de agradecimento explodiram numa salva de palmas.

Abaixo podemos ler o conteúdo do discurso:

Boa noite, é com alegria que cumprimento as autoridades presentes, o prezado público e nossos amigos.

É uma emoção muito grande para mim estar aqui 45 anos depois de eu ter fundado este grupo.

A minha ligação com o folclore húngaro (as danças, os cantos, as pinturas, os bordados, os trajes) vem desde pequena e à medida em que eu aprendia com minha mãe e mais tarde no escotismo, o folclore húngaro passou a ser para mim uma paixão. Passou a fazer parte integral da minha vida.

No ano de 1968, com a Primavera de Praga (na antiga Checoslováquia), o mundo todo borbilhava pela democracia e liberdade de expressão. Na Alemanha as marchas de protesto redundavam em grandes batalhas campais contra a polícia. Na Itália os estudantes aderiram também à violência revolucionária. No mês de março o Brasil entraria nos meses mais tensos de sua história de pós guerra, em função da insatisfação dos universitários contra o regime militar.

E foi no meio desta confusão global que juntei uns jovens amigos, mormente escoteiros e fundamos o Grupo de danças folclóricas húngaras Pántlika. Nossa preocupação maior era manter e divulgar o folclore de nossa terra, ou, para alguns, a terra de seus pais.

HÍRADÓ é uma publicação da Associação Húngara – Magyar Segélyegylet

Fundador: Gedeon Piller
Equipe da Redação: Hilda Budavári, K. J. Gombert
Diagramação e composição: Renata Tubor

Diretoria da Associação Húngara:
Presidente: Francisco Tibor Dénes; Vice-presidente: Madalena Judite Ráth; 1ª Secretária: Charlotte Németh,
2º Secretário: Alberto Kiss; 1º Tesoureiro: Árpád João Koszka; 2º Tesoureiro: Francisco Montano

Endereço: Rua Gomes de Carvalho, 823 – Vila Olímpia – São Paulo – SP – CEP 04547-003
Telefone / Fax 55-11-3849-0293
E-mail: 30desetembro@uol.com.br



Precursoras do Pántlika em 1970 !!! — Éva Takács, Sári Szücs, Judith Zoltay, Susana Elena Koszka, Adriane Neves, Sári Hársi, Erzsi e IlonaSzücs, Marta Koszka Kiss



Alessandra Jeszensky, Carolina Vargha, Patricia Bircak, Cristina Piller, Ana Abidor, Alessandra Crispin, Beatriz Kiss, Panni Amjd, Diana Fekete Nuñez



Moças formosas em seus trajes folclóricos



Os irmãos Piller Cristina e Mathias



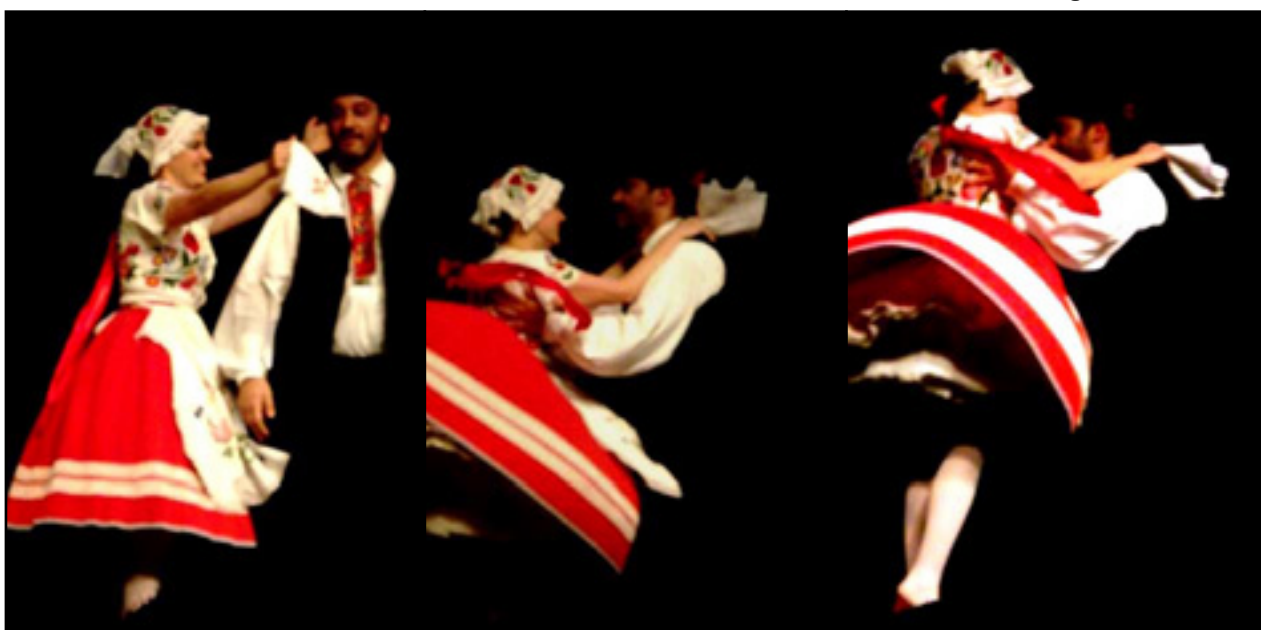
Cristina em destaque



Danças de Sóvidék



Danças de Mezőség



Diana Fekete e Pedro Marques

Comecei ensinando as danças que tinha aprendido na Suíça, durante meus anos de estudos. Estas danças foram ensinadas por um casal de dançarinos profissionais que tinham se refugiado da Hungria. Porém, quando acabou este repertório, começaram as dificuldades, porque naquela época não havia nem Internet, nem vídeo, e nem era oportuno ir até a Hungria que estava tomada pelos comunistas. Mas com muita garra, muita vontade, copiávamos os passos e as coreografias de livros que me mandavam.

Foi em 1976 que participei pela primeira vez de um acampamento de danças folclóricas húngaras nos Estados Unidos e foi ali que aprendi e entendi como funcionavam as danças das diversas regiões da Hungria.



Danças de Mezőség



Mais tarde, começamos a trazer professores para nos dar aula, e eu ia seguidamente para a Hungria visitar as aldeias e aprender mais e sempre trazia um traje de amostra. Passávamos vários finais de semana confinados num sítio, ou na casa de alguém, confeccionando e bordando os novos trajes, incluindo os rapazes! Eles faziam seus próprios coletes e enfeitavam suas calças. Tudo isso no meio de muita cantoria e muitas risadas, enquanto lá fora as pessoas estavam se matando.



Thomas Kiss e Gedeon Piller



Gedeon Piller

Logo depois veio a era do vídeo, da fita K7, mais tarde o CD e o DVD, que nos mostravam danças originais de todos os cantos da Hungria.

Nosso grupo sempre foi muito alegre e divertido. Num determinado momento deixei que ingressasse no grupo um menino baixinho, de 9 anos de idade, que os mais velhos e bem mais altos não me perdoavam por tê-lo deixado entrar. Eu o deixei entrar porque os pais, que eram meus amigos, me pediram demais e prometeram que o tirariam ao primeiro incômodo que ele causasse.

Após quase 25 anos à frente do grupo, passei a direção para um casal de dançarinos já veteranos: a Eszter e o Gedeon. Eles continuaram o meu trabalho e ainda fundaram um grupo para menores, que conforme iam ficando mais velhos, ingressariam no grupo de adultos e assim se deu a continuidade. Depois de muitos anos, passaram a direção para o PEDRO, que é exatamente aquele menininho de 9 anos que na época torrou a paciência dos mais velhos !!! A passagem de liderança do grupo sempre transcorreu na mais perfeita harmonia, com muita naturalidade.



Orquestra folclórica Zsivaj e cantora folclórica Beatriz Kiss

6 - MINI HÍRADÓ



Hoje veremos pais e filhos dançando juntos e no final, alguns dos primeiros dançarinos, hoje com seus 60 anos, fora eu, que tenho muito mais...

Apesar de ser um grupo amador, hoje ele alcançou um nível altíssimo, quase profissional. No decorrer de todos estes anos, o grupo sempre teve um grande sonho: ter música ao vivo. Pois graças ao entusiasmo, à garra e muita força de vontade e determinação, hoje temos esta banda que toca e canta tão bem quanto qualquer banda nas aldeias da Hungria!

É impossível descrever a alegria, o orgulho, a felicidade de ver este grupo festejando seus 45 anos ininterruptos!



Dança das garrafas



Danças de Kalotaszeg

Desejo que vocês assistam esta apresentação com o mesmo carinho e alegria com o que o grupo preparou para vocês!

Bom divertimento!



Pedro Marques, Gedeon Piller e Ilona Kokron

O final do espetáculo foi digno dos 45 anos do *Pántlika* quando o Pedro solicitou que ficassem de pé todos aqueles que alguma vez participaram do grupo. Aos poucos estes foram se erguendo e subindo ao palco para dançar a “finale” ou seja; o *csárdás* de *Szatmár* grandemente ovacionado pelo público presente.



“Grand-finale” - os membros do Pántlika comemoraram seus 45 anos

**QUE DEUS ABENÇOE E DÊ LONGA VIDA AO GRUPO PÁNTLIKA PARA A NOSSA
ALEGRIA E HONRA DA CAUSA HÚNGARA!**



Quem é este jovem, que veio da Hungria e conquistou a colônia húngara de São Paulo em tão curto tempo?

Entrevista com Zsolt Szeghalmi

Ao se apresentar você diz com muito orgulho o seu sobrenome “Szeghalmi,” você é daquela região?

Na realidade não tenho nenhuma ligação com Szeghalom, tanto, que nunca estive lá. Em meu nome está semi-embutido o nome da minha querida cidade natal, “a famosa” Szeged.

Onde você estudou e qual é seu objetivo de vida?

No primário estudei em uma classe de língua inglesa, depois frequentei um dos melhores ginásios da Hungria, o “Ságvári Endre”, na universidade estudei direito em Szeged. Interrompi meus estudos, pois passei vários anos no exterior estudando, fazendo estágio e agora trabalhando. Isto explica que sou um estudante de direito já “veterano”.

Seus pais influenciaram na decisão da sua carreira? Qual é a profissão deles?

Minha mãe é professora de gramática e literatura húngara, mas há anos é coordenadora do programa escolar. Meu pai é médico, antes era jogador de futebol.

Ambos praticam esporte. Nunca interferiram em meus estudos, somente me orientaram para fazer faculdade e me apoiaram em tudo. Devo muito a eles pela paciência e carinho.

Você tem irmãos?

Tenho duas irmãs gêmeas: Sonia e Sandi, com 24 anos. São muito alegres (e bonitas), sempre bem-humoradas, cheias de vida.

Aonde e com qual propósito você viajou, antes de vir ao Brasil?

Antes de vir ao Brasil fiquei na Espanha. Estudei um ano na Universidade de Sevilha, trabalhei meio ano em Santiago de Compostela, enquanto em Salamanca foi o amor que me prendeu. Visitei outros lugares através de programas de trocas ou de turismo. Passei um mês em Israel, e mais um tempo na Tunísia, onde conheci a face moderna de África. Das capitais europeias retornaria com entusiasmo para Londres, Madri, Paris e Roma. Mas Veneza é a minha paixão.

O que o induziu a participar deste programa, que se chama “Kőrösi Csoma Sándor” (KCSS)?
Primeiro, foi o comprometimento por uma causa nobre, em que posso ajudar a manter o sentimento húngaro, a língua húngara e o segundo foi conhecer a América Latina, que só conhecia através de livros e estudos.

Foi sua escolha, ou mandaram você ao Brasil?
Eu somente indiquei a América Latina, mas o destino me presenteou com o Brasil. Confesso, que imaginei que me enviariam para Argentina ou para a Venezuela por causa do meu conhecimento da língua espanhola, mas percebi, que para mim é muito importante a vinda para cá. E cada dia fortifica este sentimento em mim!

Como reagiu, quando soube que viria ao Brasil? O que seus pais, irmãos e amigos disseram?

Eu fiquei muito contente, e meus amigos começaram a elaborar a lista de presentes (camisa da seleção brasileira, fantasias de carnaval, etc.) Minha família já se acostumou que fico voando de um lugar para o outro e ao longo dos anos já estava preparada para mais uma façanha.

Como os húngaros enxergam o Brasil e os brasileiros?

Como muito poucos húngaros vem ao Brasil, prevalece a imagem do futebol, morenas bonitas e bronzeadas, favelas onde nem a polícia tem coragem de entrar. Quem está bem informado na política e na economia sabe que o Brasil está em franco crescimento. É interessante, que – os húngaros que vivem aqui se surpreendem com isso - a opinião geral sobre o Lula é positiva na Hungria. Eu faço questão de espalhar para o maior número de pessoas possível, o quanto o povo brasileiro é gentil e cordial.

Como você se preparou para esta missão?

Particpei de um treinamento sobre a história, a vida, a organização das colônias húngaras. Depois tivemos uma noite de despedida com os amigos, digna da cidade de Szeged.

Qual foi sua primeira impressão ao chegar no Brasil?

Ao contrário da preparação recebida por causa da



segurança, não me sentia inseguro nas ruas. Nos primeiros dias saía sem dinheiro, sem telefone, no pior traje possível, sempre pronto para ser assaltado. Mas o que me impressionou foi a proximidade e a gentileza das pessoas.

Que costume local foi o mais estranho?

Faço uma lista dos costumes estranhos, já estou no número 54. Menciono dois deles: quando pergunto onde fica um certo lugar, nunca respondem “não sei”, mesmo que não tenham a mínima ideia de onde fica); o outro é como as pessoas são empurradas para dentro dos vagões do metro no horário de pico.

Como você vê os húngaros do Brasil?

O que mais mostra seus caracteres é a frase, que usam até como cumprimento na hora da despedida: “Se precisar de algo, me avise!” Sinto cada dia que gostam de mim, o que é um sentimento maravilhoso. Acredito que entre eles tem o mesmo sentimento, prova para isso é a vida comunitária ativa, que existe. Durante estes meses todos vejo união, amizade e famílias unidas.

O programa “KCSS” parece que está sendo levado a sério, você acredita que vai alcançar seu objetivo?

O objetivo deste programa é fortalecer a identidade húngara dos descendentes húngaros, que vivem a 12 mil quilômetros de distância da Hungria. Tenho certeza que vai deixar sentimento profundo este gesto do governo húngaro – através dele os húngaros da Hungria - que cuidam dos húngaros daqui. Minha presença é simbólica: alguém chegou de longe para que em tempo integral ajude os parentes brasileiros – em tudo que for possível. Na minha opinião o sucesso é garantido.

O que você sugeriria para garantir o sucesso?

É primordial que os que moram em São Paulo, (mas mesmo os descendentes, que moram em outras cidades) tirem proveito desta oportunidade, que eu estou aqui. Venham para as aulas, mesmo os que queriam melhorar seu conhecimento de húngaro. Com este entusiasmo, graças a Deus, não tem problema!

Em que tipo de programa você já participou até agora?

A vida comunitária aqui é muito variada. Muitas vezes acabo de participar de eventos, quando menos espero. Ao chegar participei de um jantar de páscoa, no dia seguinte assisti ao concerto do Budapest Bar. Com grande interesse acompanho as palestras da Universidade Livre na Casa Húngara, participei das atividades de escotismo tanto no Colégio Santo Américo, como em Embu, no parque Simon Bálint. Mas também participei do almoço da Liga das Senhoras Húngaras, do grupo que cuida da biblioteca, e o sabor delicioso do

Jantar Húngaro é um prazer para mim.

Para quem deve mandar relatórios das suas atividades e com que frequência?

Uma vez por mês devo mandar um relatório para o KIM (Közigazgatási és Igazságügyi Minisztérium - Ministério de Administração e de Justiça). Eu preparo este relatório em conjunto com minha mentora, a Charlotte Hársi. Aproveito para agradecer a Sári, minha mãe “substituta” durante este semestre, que me apoia em tudo. Não poderia imaginar uma mentora melhor que ela!

Você pode tirar uns dias para viajar ou passear?

Eu tento aproveitar ao máximo todo minuto livre. De noite ando pela cidade, nos dias que não dou aula visito localidades mais próximas. Na maioria das vezes dou aula em todos os dias da semana, mas quando aparece uma folga é a vez de ir para a praia.

Para onde você viajaria, aproveitando sua estadia aqui?

Para Santa Catarina e Rio de Janeiro certamente, pois nestes lugares terei tarefas a cumprir. Com certeza encontrarei tempo para conhecer outras cidades também.

O que lhe parece, você poderia viver sua vida longe da Hungria?

Ultimamente esta pergunta frequentemente vem à tona. Poderia sim, mas somente se eu pudesse visitar minha pátria de tempos em tempos (permanecendo em casa por um período longo). Acredito, que para mim a vida “dupla” é o ideal, como os últimos anos da minha vida tem demonstrado. Partir e retornar – felicidade dupla e abastecimento contínuo.

O que você recomendaria para a juventude húngara do Brasil?

Mantenham a chama acesa pela língua húngara. Esta língua maravilhosa é a nossa herança, o nosso tesouro. Façam que a língua húngara esteja presente nas aulas de dança, no escotismo, nas aulas de esgrima. É a língua que nos une!

O que acrescentaram estes meses na sua vida?

Acordar ao som de música folclórica húngara, comer comida húngara, ouvir músicas húngaras no Brasil. Essas coisas me marcaram para a vida inteira. Recebi inúmeras coisas dos húngaros daqui e dos brasileiros também, mas o que ficará para sempre, o que eu já havia imaginado e agora se aprofundou em mim é, que aconteça o que acontecer, seja ela a pior desgraça histórica ou política, nada e ninguém pode tirar do ser humano a convicção de ser fiel ao que ele acredita. Existe melhor exemplo para isso, que a colônia húngara de São Paulo?



O Programa de “Kőrösi Csoma Sándor”

Extraído do artigo de Vida Sándor: SEM FRONTEIRAS (HATÁRTALANUL)

O Ministério de Administração e Justiça com a coordenação da Diáspora possibilitou a ida de 47 jovens húngaros para vários países do mundo, por um período de 3+2 meses através do programa de a “Kőrösi Csoma Sándor” para conhecer o dia-dia dos húngaros, que vivem na diáspora e para que ajudem preservar suas identidades e estreitar o laço com a Pátria Mãe.

No estatuto da Associação da Diáspora Húngara o alvo é dar todo apoio aos húngaros da diáspora, que eram esquecidos até então. Um dos passos do programa foi anunciado em 3 de janeiro deste ano, que é “Kőrösi Csoma Sándor Program”, que visa o desenvolvimento da língua húngara, estreitar o laço, incentivar a aproximação e fortalecer a identidade com a Pátria Mãe entre os húngaros que vivem na diáspora. Para participar podiam se inscrever jovens com estudo médio, com mais de 20 anos, com inglês fluente ou com línguas dos países participantes fluentes, com capacidade de organizar ou com conhecimento folclórico. Se inscreveram 480 candidatos de até 20 de janeiro. Depois de duas seleções escolheram 47 sortudos que de abril a junho trabalham no exterior, depois trabalham um mês na Hungria, voltam de agosto até o fim de setembro ao exterior e depois mais dois meses na Hungria.

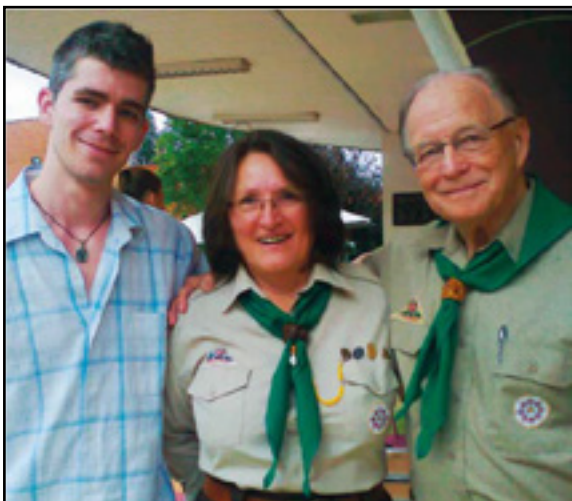
Os 47 escolhidos receberam treinamentos sobre política da nação, cidadania, conhecimento consular, assistiram palestras sobre os países onde trabalharão, sobre o escotismo, e prestaram provas. Antes da viagem prepararam programas para os 3 meses, que ficam controlados mensalmente pelos monitores, que no mesmo tempo que avaliam, ajudam orientam. Os bolsistas recebem mais instruções durante o programa no exterior e ao voltarem para a Hungria farão relatório por escrito de suas estadias.

Os jovens participantes recebem 350 mil Forint quando trabalham no exterior e 200 mil, quando na Hungria e fora disso recebem estadia e as passagens. Eles devem promover trabalhos comunitários de cultura e de tradição húngara, folclore, dança típica, escotismo, ensino da língua húngara nas comunidades húngaras ao redor da terra.

Participantes por países:

14 – Estados Unidos , 8 – Austrália, 6 - Canada, 4 - América Latina (Brasil, Venezuela, Argentina), 1 – Israel, 1 –Africa do Sul, 13 – União Europeia (Grã-Britânia, Suécia, Alemanha, Suíça, Finlândia, Holanda).

Este programa iniciado neste ano, terá continuidade no futuro.



Zsolt Szeghalmi (26) advogado, professor de língua São Paulo, Brasil

Cheguei da cidade de Szeged para a metrópole de São Paulo, com 11 milhões de habitantes, onde vive o maior número de húngaros na América Latina. Encontrei uma comunidade ativa, com muitos programas desde as aulas húngaras, escotismo, esgrima, danças folclóricas, grupo de bíblia, sustentação do lar dos idosos. Os húngaros daqui mantêm mil laços com a cultura, tradição húngara e contribuem elevar nível mundial desta cultura.

Sári Hársi, o Dirigente do Escotismo Húngaro no Exterior se dedica ao futuro dos descendentes húngaros, quem acaba de ser meu monitor também. Com ela, em conjunto a prioridade absoluta é melhorar o conhecimento da língua húngara da geração futura. Através dos meus conhecimentos de espanhol, inglês agora o de português são as pontes para transmitir nossa língua mãe húngara.

Dos acontecimentos segundo Zsolt Szeghalmi, nosso colaborador



Relatório do Segundo encontro de LAMOSZSZ em São Paulo entre 19-21 de abril.

Extraído do artigo de Zsolt Szeghalmi do jornal "Kitekintő.hu" de 13 de maio de 2013
Nossos jovens em destaque no encontro de LAMOSZSZ



Na noite da sexta-feira, 19 de abril, já de longe se podia ouvir que algo importante estava por acontecer na Rua Gomes de Carvalho. Chegaram os representantes convidados dos cinco países da região que, reunidos num fim de semana, pudessem se conhecer e juntos repensar um plano do futuro dos húngaros emigrados que vivem no outro lado do mundo.

Antes do início do programa oficial, os anfitriões brasileiros, responsáveis pela organização, mostraram para estes dirigentes a cidade de São Paulo onde quase 20 milhões de habitantes vivem aglomerados. Parece inacreditável, que a maior cidade abaixo do equador, até fins do século XIX, era comparavelmente menor do que um povoado na Hungria – afirmações que nos chegaram ao conhecimento através dos relatos dos guias János Schiffer e Gábor Kiss. Ao retornar, o grupo do micro-ônibus podia sentir na própria pele o que é o trânsito caótico desta cidade na hora do pico.



Jantar na Casa Húngara com os dirigentes das organizações e o embaixador húngaro (ao centro)

Ao anoitecer a Casa Húngara estava repleta com os representantes e visitantes e no ar circulavam os aromas das iguarias brasileiras e húngaras.

Na sua fala de abertura Dr. *Tibor Dénes*, presidente da Associação Beneficente do Lar, lembrou do funcionamento ininterrupto da instituição desde 1926, e enalteceu que um fato extraordinário tem início neste momento. Vendo a grande quantidade de pessoas presentes, realçou o quanto essas pessoas se mobilizam pela causa húngara.

O presidente da Casa Húngara, Pedro Marques da Silva, enalteceu a importância do encontro e que a divulgação da cultura húngara no país acolhedor é nosso dever.



Nossos jovens no jantar do LAMOSZSZ



Dr. Tibor F. Denes, Eszter R. Toth e Pedro Marques

APRESENTAÇÕES DOS REPRESENTANTES

As apresentações começaram no dia seguinte pela manhã, quando os representantes dos países apresentaram os acontecimentos da vida comunitária húngara nas suas áreas de atividades.

Na Argentina a paróquia protestante iniciou um novo capítulo em sua vida: venderam a igreja, que dava lar para as atividades nos últimos 53 anos ; os húngaros, entretanto, agiram rapidamente e compraram uma outra na periferia de Buenos Aires, para as mesmas finalidades e cuja inauguração estava marcada para o mês de junho. Além disso, a comunidade húngara na Argentina, famosa pela sua união preserva orgulhosamente na “**Plaza Hungria**” a tradicional recordação anual em comemoração da revolução de 1956.

Do relatório enviado pelos de **São Paulo** chegou a nós uma situação inédita, pois devido à forma simplificada para a obtenção da cidadania húngara, bateu o recorde o número de pessoas inscritas em aulas de língua húngara. A Casa Húngara foi totalmente renovada, graças às doações dos frequentadores e a ajuda do Governo da Hungria. São relevantes os programas como “**Lángos Fest**” e a festa de páscoa “**Piros Tojás**” realizado no Lar Balázs Péter que tem atraído bom público brasileiro. Continua com inquebrantável entusiasmo o trabalho das bibliotecárias e as atividades alegres, e ativas dos escoteiros.

Quanto à situação do Chile, antes de sua apresentação oral, *Ákos Zahorán* começou com um filme curto onde um **farol** no mar lutava heroicamente contra a força das enormes ondas de um mar bravio. A mensagem foi dada: os húngaros do mundo inteiro devem ser assim:, resistentes como uma rocha, caso desejem sobreviver. Sua palestra foi intercalada com acontecimentos pessoais e de seu relato ficou-se sabendo que a partir de 2014 o país novamente contará com uma representação diplomática. Houve



grande progresso no ensino da língua húngara pois nos finais de semanas para os jovens há cursos intensivos para os alunos. Um bom exemplo de ajuda entre países da América Latina é a professora argentina que ia ao Chile para ensinar húngaro a cada dois meses e que agora irá mensalmente.

No Uruguai os húngaros da Casa Húngara são fanáticos pelo boliche. Pelo menos é o que sugere uma obra corajosa de engenharia que fizeram em mutirão com muito entusiasmo transferindo o local de um pátio interno para um porão. *Károly Jankovics* explicou que com os recursos recebidos do LAMOSZSZ, aliás, da Fundação *Bethlen Gábor*, renovaram a fachada da Casa Húngara e da cozinha. O que é o mais importante nisso tudo é o trabalho em conjunto, com cada um participando nos trabalhos de recuperação e assim todos se sentem como donos da própria Casa. Sobre quais mudanças ocorreram em Montevideu, os húngaros latino-americanos poderão se cientificar pessoalmente em 2016, visto que o próximo encontro do LAMOSZSZ ali será realizado.

Tendo visto e ouvido as apresentações acima, teve-se a nítida impressão de que as comunidades húngaras vivem, sem exceção, uma fase florescente em seus países; foi quando a presidente do LAMOSZSZ, a Sra. *Ildikó Kunckel Fényes* – ao mesmo tempo a representante de **Venezuela** – e última apresentadora do dia, fez com que os presentes caíssem numa outra realidade. Devido à insegurança pública na Venezuela, somente é possível a realização de eventos durante o dia e, principalmente, nos finais de semana. Diminui também a reposição de integrantes da colônia húngara, que é uma condição deveras preocupante enquanto que a Associação das Senhoras Católicas Santa Elisabeth, após de 57 anos de trabalho e dedicação, encerrou suas atividades em 2011. Entretanto, a senhora *Kunckel* encontrou um meio de acalmar os presentes, afirmando que as outras organizações continuam ativas. Neste ano será mantida a tradicional feira de outubro, que tem despertado o interesse do local e onde esperam ao redor de mil visitantes.

Os húngaros latino-americanos: grupos de amizade e benquerença

Após as apresentações os representantes de cada país – frequentemente junto aos ouvintes- numa reunião de mesa redonda procuraram a resposta para uma única e crucial pergunta: quais são as reais possibilidades de sobrevivência das colônias húngaras na América Latina?

Em sua palestra de apresentação *Ernö Deák*, presidente da Federação das Organizações Húngaras da Europa Ocidental, respondeu com uma única palavra chave: os húngaros do mundo devem ser “queridos” para que possam sobreviver. Precisa de algo mais, para que uma colônia seja algo mais do que uma simples aglomeração de pessoas, e esse algo mais é a benquerença.

Os que garantem o futuro: os escoteiros e seus dirigentes

Os participantes da mesa redonda analisaram sob vários pontos de vista a situação especial dos húngaros da América Latina. É um fato especial – apesar da distância geográfica significativa da Hungria - que a imigração praticamente se encerrou depois da segunda guerra mundial. A herança da língua húngara está passando pela quarta, quinta geração.

A sobrevivência ou simplesmente assimilação leva a dois caminhos totalmente diferentes. A assimilação ou integração foram as duas alternativas questionadas. Os húngaros desaparecerão como açúcar num copo de água (assimilação), ou ficam como um material concreto num copo de água, que em verdade será parte orgânica da água que o envolve, mas fica bem definido, independente (integração). O último pode ser a chave numa harmonia que se forma ao longo dos anos: viver juntos, integrar na sociedade, mas manter sempre em foco que é descendente húngaro.

Ao final da apresentação dois temas relevantes formaram o foco: a **juventude** e os **não húngaros**. Nos jovens deve ser relevado o fato de querer ser húngaro se uma criança não se conscientizar do porque tem que ir à escola, frequentar o escotismo ou estudar húngaro, jamais terá o prazer de “ser húngaro”. É indispensável, que tenham vivências pessoais, que descubram o que é ser húngaro. Isso pode acontecer

14 - MINI HÍRADÓ



com uma visita à Hungria, através de amizades com húngaros, mas também de programas diários como um ensaio de danças folclóricas húngaras, desde que as aulas transcorram na língua húngara.

O sucesso da comunidade húngara depende muito de como a sociedade argentina, brasileira, chilena, uruguaia, venezuelana se relaciona com os húngaros. Se, conhecem algo sobre nós e, em caso positivo, o que sabem?

Devemos integrá-los também, e mostrar-lhes os valores húngaros, pois os húngaros contribuíram – e continuam contribuindo com valores relevantes ao mundo.



Dr. Csaba Szijjártó embaixador tocando violino e o grupo Pántlika assistiu com atenção

O longo dia neste ano foi encerrado com as apresentações do grupo de dança folclórica Pántlika, que neste ano comemorou seus 45 anos, e o grupo de música folclórica Zsivaj, ambos grupos compostos pelos jovens da colônia húngara de São Paulo. O alto astral da noite foi aumentado quando o embaixador da Hungria no Brasil, Dr. Csaba Szijjártó, ex integrante do grupo Mákvirág, onde tocou por vários anos, atendeu as solicitações dos presentes e pegando o violino, executou algumas músicas ao ritmo dos aplausos dos convidados. Os organizadores receberam dos presentes o merecido reconhecimento pelo alto nível da organização, principalmente Magdolna Ráth e Eszter Römer Toth, que através da Associação coordenaram a programação.

Como último evento do encontro de três dias, os convidados participaram da missa realizada, há décadas pela colônia húngara, na capela do Colégio Santo Américo de São Paulo, após o qual viajaram para a pequena e folclórica Embu das Artes. O dia terminou com um churrasco na casa de Dr. Alexandre Kokron, que acolheu toda a delegação.

O próximo encontro LAMOSZSZ será no Uruguai em 2016. Os eleitos de representantes por países foram:

Argentina: Éva Szabó _____

Brasil: Francisco Montano Jr _____

Chile: Ákos Zahorán _____

Uruguay: Károly Jankovics _____

Venezuela: Sra. Ildikó Kunckel Fényes _____

Apresentação sobre a “Síndrome de Trianon” na Universidade Livre Kálmán Könyves

Zsolt Szeghalmi

“Os Conflitos Étnicos e Sociais na Europa Central” de acordo com o palestrante convidado, é assunto que demanda estudo mais profundo porque atualmente a Hungria encontra-se novamente sob fogo cruzado de ataques internacionais diversos.

Com o título acima, Dr. Tibor Rabockay, engenheiro químico e professor da USP, proferiu palestra na Universidade Livre Kálmán Könyves de São Paulo sobre o assunto. O palestrante é pessoa com vasta experiência neste campo, autor de vários artigos relacionados à revolução de 1956 e o Tratado de Trianon. É ainda pesquisador dos direitos das minorias.



Dr. Tibor Rabockay: Trianon demonstrou que tudo pode acontecer

Durante a introdução, Rabockay mencionou exemplos internacionais realçando que na história, assim como nas políticas nacionais e das minorias, nada pode ser simplesmente preto ou branco. “Até o cinza possui tonalidades variadas” diz ele. Enriqueceu a apresentação com sua brilhante narrativa em estilo próprio, suas anedotas pessoais e citações célebres de políticos conhecidos; no final, a platéia foi presenteada com um quadro interessante sobre os tempos de paz e felicidade da Hungria no período pacífico anterior ao início da II guerra mundial.

Sua impressão pessoal é que qualquer loucura, mesmo que possa parecer inimaginável, poderá se transformar em realidade em algum momento. A isto ele chama de Síndrome de Trianon. Numa das partes mais interessantes de sua exposição,

em idioma português, foi mostrar um mapa fictício demonstrando o tamanho do território que o Brasil perderia proporcionalmente, caso fosse obrigado a assinar o mesmo tratado de paz.



Há sempre muitos ouvintes nas apresentações da universidade livre

Com base na palestra, podemos concluir que a relação entre os países da região da Europa Central, influenciaram de maneira negativa a data de 4 de junho de 1920. Nos vizinhos da Hungria grassou o medo de modo geral e vislumbravam intenções revisionistas diante de qualquer ação da Hungria, segundo o apresentador.



O Almoço das cores nacionais das Senhoras de São Paulo

Zsolt Szeghalmi
26/05/2013

Como acontece todos os meses, no de maio também houve um acontecimento elegante e de alto nível, organizado, pela Associação das Senhoras Húngaras de São Paulo.

O grupo, de 50 membros- excluídos os dois convidados de honra masculinos - foi fundado por senhoras e senhoritas da sociedade húngaro-brasileira.

A Associação, fundada em 1950, teve como ações beneficentes um dos seus princípios porém atualmente se foca nos encontros entre amigos e familiares. Nesta oportunidade aproveitam para parabenizar os aniversariantes do mês durante os almoços. No último evento, aproveitou-se também para comemorar o dia das mães. Como atividade complementar, os membros desta Associação frequentemente realizam passeios e eventos culturais.

Da boa vontade de *Saurer* Ingrid, alma e coração da Associação das Senhoras, o salão da Casa Húngara inalava o doce aroma das flores lindas e cheirosas que decoravam o ambiente, de forma que suas cores representassem as cores da bandeira húngara. O clima da festa foi abrilhantado com as músicas de um saxofonista e o sorteio de brindes.



Cores da Hungria, flores, senhoras e a incansável Ingrid



Os brindes e balões com as cores húngaras



Os Escoteiros de São Paulo atravessaram o Estreito de Verecke

Zsolt Szeghalmi

05/06/2013

O 13º grupo escoteiro, Szondi György realizou um acampamento de 4 dias em Jujutiba a 75 km de São Paulo. As andanças e as atividades tiveram lugar no Sitio Pinus, de propriedade húngara, lugar maravilhoso com seus lagos, piscina e infundáveis vales verdejantes.

O fim de semana foi aproveitado para que os escoteiros pudessem praticar o idioma durante 4 dias, conhecer novas facetas da cultura húngara e viver momentos inesquecíveis em grupo. O enredo do acampamento desta vez foi a Conquista da Pátria onde hoje é a Hungria ("Honfoglalás" em húngaro). Os lobinhos e os escoteiros viram com seus próprios olhos como foi o "Pacto de Sangue" entre as tribos que ocuparam a terra, viram o sonho de Emese e o Veado milagroso (Csodaszarvas).



Os dias começavam com o içar das bandeiras e depois, em geral de hora em hora, os pequenos soldados do grupo Szondi György tomavam parte em atividades diversas.

Habilidades manuais, fazer nós, extinguir incêndios, corrida de obstáculos e tudo mais que um escoteiro que gosta da natureza, possa aplicar.

Canções folclóricas antigas e novas eram entoadas para reanimar os corpos cansados de tantas atividades. Canções tipo *Madárka, madárka* (Passarinho, passarinho) ou "Famosa cidade de Szeged" ou ainda "Hej, o vento sopra do Danúbio" faziam eco nas encostas do vale de Jujutiba. Era uma alegria ver como jovens de sete e oito anos aprendiam novas palavras cantando estas músicas.



As crianças, aproveitando as belezas do vale em conjunto com seus monitores e o chefe *Arpad*, atravessaram o "Estreito de Verecke" para conquistar mediante lutas com os moradores daquele local, sua nova pátria.

Após o quarto dia, o acampamento que "atravessou" o milênio, presenciou o batismo de *Vajk* que posteriormente, como "*István*", tornou-se o primeiro rei da Hungria. Seguramente este quadro da coroação, daquele que depois fundou a nação húngara, permanecerá durante muito tempo na memória das crianças.



Os dias no acampamento não teriam fluído tão bem se não houvesse uma reposição adequada de energia. Os pais das crianças preparavam na cozinha pratos entre cozidos e assados, que eram servidos pontualmente na hora prevista.

O apito tão esperado anunciava a hora da refeição que era repetida uma ou mais vezes e, por fim, vinha a sobremesa, composta na maioria das vezes de frutas frescas.



Os "lobinhos", garantia da continuidade do escotismo húngaro

Os participantes do acampamento: o 13º grupo Szondi György





EXCURSÃO DOS MONITORES PELA HUNGRIA DE 30 DE JUNHO A 21 DE JULHO

CINCO DOS NOSSOS ESCOTEIROS DE 15 ANOS APÓS PASSAREM NOS EXAMES DE LITERATURA, HISTÓRIA, GEOGRAFIA E LÍNGUA HÚNGARA PUDERAM PARTICIPAR NO ACAMPAMENTO DE FORMAÇÃO DE MONITORES NA ARGENTINA.

OS MONITORES FORMADOS PUDERAM CANDIDATAR-SE À EXCURSÃO PELA HUNGRIA, MAS INFELIZMENTE SOMENTE UM ESCOTEIRO PODE PARTICIPAR POR GRUPO. NO BRASIL DO GRUPO Nº13 DE SZONDI GYÖRGY, MÁTYÁS KOKRON PARTICIPOU. TEMOS A CERTEZA QUE ELE PROPAGARÁ O SEU APRENDIZADO AO GRUPO.

Os requisitos para participar na Excursão dos Monitores

Limite de Idade: entre 15 e 17 anos

Ser ativo no escotismo

Ter participado no mínimo de um acampamento

Ser fluente no idioma húngaro, ler e escrever relativamente bem

Não fazer parte de estágio na Fundação Teleki Pál na Hungria

Ter autorização dos pais

Ter um conhecido ou um parente adulto na Hungria que seja responsável, caso necessário

Que seja recomendado pelo grupo e pelos dirigentes

Países participantes: Argentina, Áustria, Brasil, Canadá e EUA

Passamos uma semana em Budapest

Vimos muitas coisas que estudávamos e agora pudemos conhecer pessoalmente. Tiramos muitas fotos. Estivemos no Monte *Gellért*, na praça *Moricz Zsigmond*, no novo distrito de arte (Teatro Nacional, Palácio das Artes), vimos a estátua de *Imre Sinkovits* que foi escoteiro. Depois vimos o monumento em homenagem à revolução de 1956, a Academia de Ciências, monumento de *Petőfi* (maior poeta da nação), estação de trens de *Nyugat*, o mercado geral, a ilha *Margarida*, ferrovia das crianças, as cavernas de *Pálvölgy*, o túmulo do *Gűlbaba*, o Parlamento onde está a coroa do Santo István, o cemitério dos 301 heróis da revolução de 1956. No cemitério de *Kerepes* visitamos os túmulos dos húngaros famosos como *Lajos Kossuth*, *Ferenc Deák*, *Lajos Batthány*, *Luiza Blaha*. Vimos ainda a basílica de Santo István, o Castelo de Buda, a Galeria Nacional, a igreja *Matyas*, a praça da Santíssima Trindade, a Torre dos Pescadores, a Praça dos Heróis, o Castelo de *Vajdahunyad*, o parque da cidade e depois fizemos uma excursão para *Gödöllő*, no castelo real e no Museu dos Escoteiros.

Diário de Mathias Kokron. 30 de julho de 2013.

Nós somos o grupo “Cobra peluda”. Penso que seja um nome muito bom. Fomos brincar no parque. Aprendemos a história de Santo Gellért. – K. Mátyás, Na [...]



Monte Santo Gellért



Capela do Santo Gellért



Na ponte da Liberdade



Na ponte das Correntes



Na Basílica



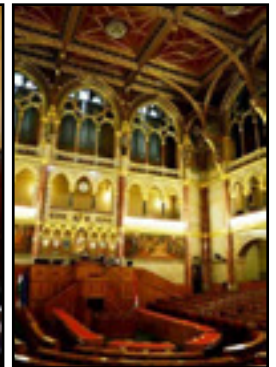
Na Ilha Margarida



Na Estátua do Santo István



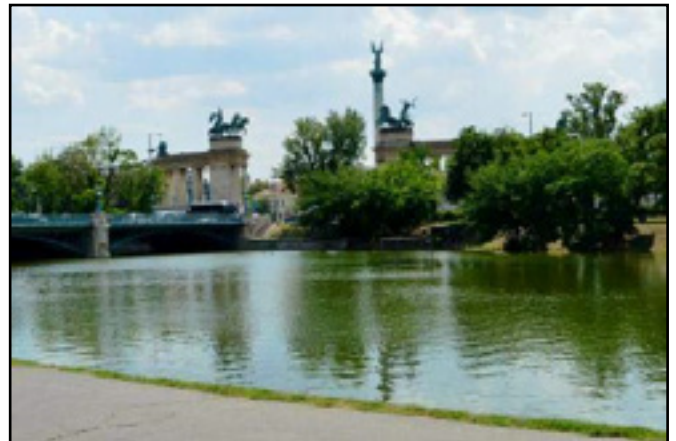
No Castelo de Buda



No Parlamento



Praça dos Heróis



Parque da cidade com o lago



Na Praça dos Heróis



VOLUNTÁRIO

A Associação Beneficente 30 de Setembro está buscando o seu talento para ajudar. Importa apenas a sua vontade em fazer o bem, direta ou indiretamente a quem precisa.

Ligue para Suzana: (11) 3931-6560



Castelo de Vajdahunyad



Castelo de Vajdahunyad



Lote 301 dos heróis de 1956



*Garoto da revolução de 1956
no centro Corvin*



Túmulo de Lajos Kossuth



Túmulo de Lajos Batthyány

Excursão de Canoa de uma semana

No 1º dia aprendemos sobre a canoagem e depois praticamos. Conhecemos *Esztergom* com sua enorme basílica, atravessamos a fronteira para ir a *Párkány* na Eslováquia. Estivemos em *Visegrad* onde conhecemos o Citadel (Fellegvár). Andamos por *Szentendre* que é a capital húngara da arte popular. Após as canoagens diárias foi muito agradável descansar nas nossas barracas.

Fotos da canoagem:





A Basílica de Esztergom e o Citadel (Fellegvár)



Cítadel (Fellegvár) em Visegrád

Nas ruas de Szentendre



Rua de Szentendre

Descanso merecido



Excursão de bicicleta de uma semana

Tudo começou com a montagem do acampamento em *Balatonfüred* no lago *Balaton*. Depois recebemos as bicicletas e saímos em direção a *Veszprém*. Atravessamos pequenas aldeias como *Csopak*, *Paloznak*, *Lovas*, *Felsőörs*, *Veszprém fajs*, *Nemesvámos*, chegamos a *Veszprém* e voltamos para *Balatonfüred*. Depois fizemos um percurso de 70 a 80 km para *Alsóörs*, *Siófok*, *Zamárdi*, fomos para *Tihany* de balsa, *Balatonfüred* e de volta para *Alsóörs*. O banho no lago de *Balaton*, bem como o banho de sol foram muito agradáveis.



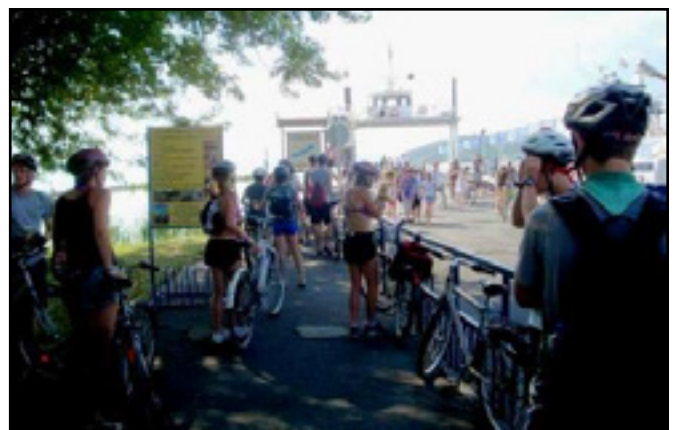
Excursão de bicicleta



Santo István e rainha Gizella em Veszprém



Nós de bicicleta e de balsa para Tihany





Abadia de Tihany



Banho e muito sol no Balaton



Foto no Balaton



Descanso merecido

Voltamos de trem para Budapest.



Foto de despedida

Sempre Alerta!



Frases SINISTRAS

Liquidação de Muletas - Aproveite, venha correndo !!!...

... Mamãe, por que você bateu naquela mulher que a gente viu chorando no túmulo do papai ???

... O amor é como a gasolina da vida. Custa caro, acaba rápido e pode ser substituída pelo álcool...

... Ex-namorado é que nem vestido: você vê em foto antiga e não acredita que teve coragem de um dia sair com aquilo!



... Eu sempre quis ter o corpo de um atleta. Graças ao Ronaldo Fenômeno isso já é possível !!!...

... Antes eu não era perfeito... Faltava-me a modéstia !!!...

... Gostaria de saber o que esse Jeová fez de errado pra ter tantas testemunhas assim...



JUBILEU DE 100 ANOS DA EXCURSÃO DE Balsa NO RIO VÁG EM 1913, E EM 2013 NO RIO TISZA

O primeiro grande acontecimento do escotismo húngaro foi a excursão de balsa no rio Vág em 1913, que foi na realidade também o primeiro grande acampamento organizado pela associação

A frota de balsas de escoteiros partiu em 21 de julho de 1913 às 10h00 horas e percorreu 360 km em 17 dias de Kralován até Komárom através dos meandros e das belas paisagens do rio Vág. Os 17 dias foram percorridos dentro do espírito escoteiro e na mais perfeita ordem. Isto deveu-se à excelente organização, aos responsáveis pela segurança e à disciplina dos escoteiros.

Após participarem do primeiro grande acampamento escoteiro, os jovens despediram-se com amizade, espírito de cooperação e fraternidade.



Os escoteiros percorreram 360 km em 17 dias de Kralován até Komárom no Rio Vág em 1913

EXCURSÃO EM BALSAS NO RIO TISZA de 2013

De 2 a 10 de agosto de 2013



Comemoramos os 100 anos da Associação dos Escoteiros Húngaros num acampamento onde todos falaram a nossa idioma. Mostramos a força do escotismo húngaro e o orgulho de vestirmos um uniforme com uma tradição de 100 anos.

A Excursão em Balsas no Rio *Tisza* antecedeu o Grande Acampamento Nacional (NNT) de 11 a 19 de agosto em Ócsa.

Regulamento da excursão de balsa

Percurso: A parte superior do rio *Tisza* – Jánd e Cigánd





Número dos participantes: 181 escoteiros

Requisitos para a participação:

- Ser escoteiro húngaro, ter completado 15 anos e falar a língua húngara.
- Ter prestado juramento escoteiro e participado de no mínimo um acampamento.
- Saber nadar (reconhecido por instrutor de natação).
- Permissão formal dos pais para menores e assumir responsabilidades no caso de maiores de 18 anos.
- O comando da balsa requer experiência prévia e é concedido pelos organizadores escoteiros
- A segurança bem como a navegação do Tisza é feita por pessoas que conhecem bem o rio. O comando da balsa é conferido mediante condições seguras e para pessoas com experiência anterior em navegação semelhante.

Principais Diretrizes:

- Cada balsa leva 15 escoteiros e é movida a remos.
- Cada grupo constrói no local a sua balsa com base em projetos previamente elaborados.
- A construção das balsas é acompanhada por pessoal tecnicamente capacitado e os materiais necessários para a construção são providenciados pelos organizadores.
- As balsas navegam de dia e atracam à noite em local apropriado previamente identificado.
- A cozinha, a alimentação e o pernoite acontecem na balsa. Cada balsa possui ainda uma canoa que permite a navegação entre as balsas e a atracação.

A organização e as normas do acampamento:

- Os participantes da excursão em balsa viverão suas jornadas em grupos.
- As tarefas são divididas em grupos e os que remam revezam-se periodicamente. Igual ocorre com a supervisão da alimentação, da canoa de transporte e assim por diante.
- A execução dos programas da balsa é responsabilidade do comandante da balsa.
- As balsas reúnem-se nas bases dos acampamentos e nos pontos determinados pela logística.
- O acampamento tem também programas em conjunto com todos os participantes, como: jogos, nado, fogos de conselho, missas ou outras atividades.
- O acampamento tem um enredo que é informado aos participantes.

Equipamentos:

- A aquisição dos componentes das balsas é centralizada
- A organização auxilia na compra dos equipamentos que ficam nas balsas
- Há auxílio também na aquisição dos materiais necessários para a montagem
- Os itens necessários e recomendados para porte na balsa devem ser adquiridos pelos seus ocupantes. Estes devem ser de uso exclusivo de cada balsa, evitando empréstimo e devolução.



Encontro na Praça dos Heróis na manhã do dia 02 de agosto



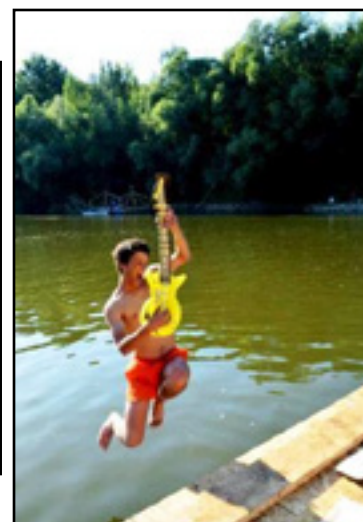
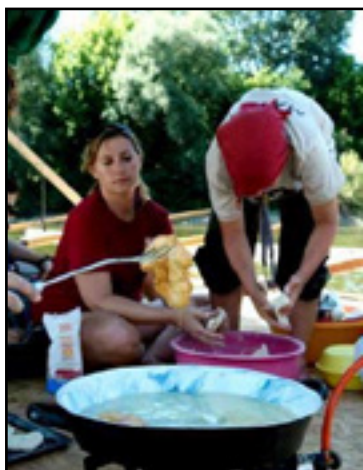
Chegada em Jánd



Mãos à obra

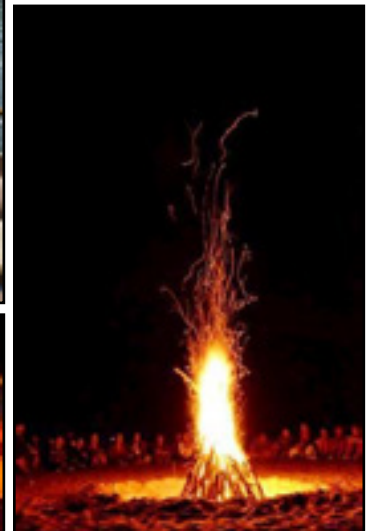








Piratas da balsa de Berettyó



Participantes do Brasil



Argentinos e brasileiros



Sempre Alerta!



O Grande Acampamento Nacional de escoteiros, comemorando os 100 anos de escotismo na Hungria

Texto extraído do relato de David L. de Nagyvárad



O grande acampamento de Ócsa organizado pela Associação de Escoteiros Húngaros foi destinada em grande parte aos jovens do país, mas vieram jovens dos 5 continentes. Participaram aproximadamente 4.500 escoteiros. Chegaram jovens até da Polônia e do Egito. Infelizmente, os escoteiros da América do Sul não puderam participar por causa do início das aulas do segundo semestre em primeiro de agosto.



Em meados de agosto, cerca de 4.500 escoteiros comemoravam nas cercanias de Ócsa o 100º aniversário de nascimento do escotismo húngaro.



Esta grande comemoração começou na realidade em 2 de agosto com uma excursão de balsa da qual participaram 181 escoteiros de todas as partes do mundo. Estes escoteiros navegaram pelo rio *Tisza* em balsas construídas por eles próprios. O intuito era relembrar a primeira aventura de balsa de 360 km realizada por mais de cem escoteiros em 1913, entre Kralován e Komárom, num cênico e sinuoso trecho do rio Vág.

A excursão de balsa de 17 dias foi a primeira grande aventura do escotismo húngaro naquela época e contou com participantes que mais tarde se tornariam expoentes deste movimento, como por exemplo o poeta *Sándor Sik*.

O Grande Acampamento de Ócsa



O acampamento, de 11 a 19 de agosto, teve lugar numa base de treinamento militar de 240 hectares. Ilustrando suas enormes dimensões, o acampamento foi dividido em 9 sub-acampamentos com capacidade de 350 a 400 pessoas e distando-se em 4-6 quilômetros.

A organização deste evento colocou os responsáveis diante de uma tarefa enorme; 400 organizadores, dos quais 280 de logística, que circulavam em caminhões do exército e comunicavam-se por meio de rádio, inclusive entre os sub-acampamentos. Outra preocupação era com o abastecimento de alimentos, água e artigos de primeira necessidade.

Mais de 300 pessoas vieram da Transilvânia. A presença deles teve grande importância, tanto é que *Csaba Hende*, o Ministro das Forças Armadas da Hungria agradeceu no seu discurso a presença de todos os escoteiros, especialmente dos que vieram do exterior. Ele chamou a atenção para o comprometimento do escotismo na diáspora e para a união que remove “montanhas” e aproxima diferentes gerações, tal como ocorrido acampamento.



Foi bom constatar que somos muitos e que pensamos da mesma forma. Um participante da Eslováquia assim resumiu o sua experiência: neste acampamento todos eram escoteiros; o padre, o pastor, os membros da orquestra de sopro, os membros do grupo de danças folclóricas, o DJ, o motorista do ônibus, todos vivendo e atuando de forma semelhante. O que infelizmente faltou foram os grandes fogos de conselho, mas que devido à grande seca na região, foram proibidos.

Foram três as oportunidades em que quase todos os presentes puderam participar: no hasteamento de bandeiras na abertura do acampamento, diariamente durante a missa em homenagem à Nossa Senhora e, finalmente, durante o desmonte do acampamento, momentos que dificilmente serão esquecidos por nós.



A passagem pela roda do tempo, adornada com luzes misteriosas, simbolizou a entrada no novo século; o diretor do acampamento Balázs Solymosi (Balu) chamou à atenção que estamos no patamar de outros cem anos e que devemos deixar este acampamento na certeza de que continuaremos nosso trabalho.

Por fim, reunimo-nos junto às bandeiras, que foram arriadas ao hino nacional. Em seguida foi comunicado o término do acampamento.

Nós, de Nagybánya, na Transilvânia, ainda visitamos Budapeste, onde, no Castelo de Buda, apreciamos demonstrações de antigos ofícios. Do terraço do castelo, voltado para o Danúbio, pudemos assistir, os fogos de artifício em homenagem às festividades do dia 20 de agosto (Dia de Sto. Estêvão). Em seguida, voltamos para casa.

Sempre Alerta!



Aqui mora o bem-estar do seu idoso.



Há **quase 50 anos**, o Lar de Idosos Pedro Balázs recebe pessoas da terceira idade cujas famílias se empenham em oferecer ao seu idoso um ambiente saudável, estável e de acordo com sua idade e condição física. Amplas instalações, em meio a muito verde – oferecem todo conforto, tranquilidade e segurança aos moradores.

Acomodação permanente, temporária e diária.
Preços acessíveis.



LAR DE IDOSOS
Pedro Balázs

Agende uma visita
pelo telefone (11) 3931-6560

Rua Ribeiro de Moraes, 952 – Freguesia do Ó – São Paulo – SP

www.larpedrobalazs.org.br